



A dramaturgia indígena quer respirar

Por Renata Tupinambá

Fundadora da produtora indígena Originárias Produções

A catarse da memória dos traumas trazidos pela colonialidade e o cerceamento da territorialidade invoca o que no universo do teatro é chamado de *kátharsis*, palavra grega que, num de seus significados, define a purificação e a liberação de um trauma, que surge com toda força na manifestação dos atores em uma dramaturgia quando trazem de dentro de si suas sombras mais profundas, luz para seus corpos, expressões, palavras ou emoções. *Tybyra*, na perspectiva do multiartista e dramaturgo potyguara João Nÿn, é um dos maiores exemplos na programação desse desabafo catártico da memória.

As obras disponíveis na plataforma do TePI são para uma reflexão, também, de caráter documental, e falam de direitos às vozes que murmuram de dentro de árvores. E o som está em tudo, ligando um mar de seres e espécies em uma harmonia imperceptível para quem não habita uma existência originária, mas que, antes mesmo de nascer, tem usurpada e sequestrada a visão de toda vida pulsante que sai do Rio Xingu até as diferentes águas que correm por todos os estados do país.

O teatro indígena é poder respirar, transpirar, e precisa de doses de transgressão e anticolonialidade para ser tudo o que ele pode ser. A dramaturgia indígena respira para que possa ser feita a passagem dos fantasmas que habitam as histórias que nunca puderam ser contadas. Essas almas indígenas não estão à

venda e querem sair do purgatório imposto pelo Estado brasileiro sobre seus corpos durante a ditadura militar e o eterno processo de invasão das terras indígenas que acontece até os dias atuais.

Falando Ze'eng eté

Em *Pytuhem / Uma carta em defesa dos Guardiões da Floresta*, a atriz Zahy Guajajara consegue expressar toda potência de denúncia e mensagem do que é esse protagonismo das narrativas fruto de tanta luta por ocupar espaços negados. Ze'eng eté vem do tronco tupi-guarani, é falado pelos Guajajara no Maranhão, e um artista que pode usar sua própria linguagem expressa seu cosmo sem censura do que não pode ser traduzido em outro idioma da mesma forma.

Os corpos dançam a queda e a suspensão do próprio céu, dizem em silêncio sobre a violência e a cura por meio de uma espiral de afetos pela potência da escuta além dos ouvidos, mas por todos os sentidos, físicos ou não. Na arte que é vida as vozes se multiplicam em um jardim de histórias atemporais.

